

Reconstruir a memória das ciências sociais no Brasil

Experiências e desafios na construção de um arquivo

Entrevista a Celso Castro¹, por Juan Pedro Blois²

Entrevista realizada via email em 9 de setembro de 2019

Juan Pedro Blois: Como e quando surgiu a ideia do projeto “Memória das ciências sociais no Brasil”? O que motivou o seu lançamento? Quem o financiou?

Celso Castro: O projeto foi iniciado em 2008 no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Ainda está em andamento, e produziu até agora um total de 232 horas de gravação com 102 cientistas sociais. As entrevistas, depois de processadas, são disponibilizadas para consulta pública gratuita no Portal CPDOC (<http://cpdoc.fgv.br/cientistassociais>) e em um canal no Youtube.³ São entrevistas de história-de-vida que tratam da trajetória pessoal, intelectual e profissional dos entrevistados.⁴ Em seu conjunto, essas entrevistas compõem o maior acervo his-

¹ Celso Castro é Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é Diretor do CPDOC (Fundação Getúlio Vargas, Brasil), professor titular do CPDOC e Diretor da coleção “Nova Biblioteca de Ciências Sociais”, da editora Zahar. Contacto: celso.castro@fgv.br

² Juan Pedro Blois é investigador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET, Argentina) e professor da Universidad Nacional de Gral. Sarmiento (UNGS, Argentina). Contacto: pedro.blois@gmail.com

³ https://www.youtube.com/playlist?list=PLspVbtj_9_HpWe_3zUZEJCFfzyJjhG65Z

⁴ O projeto teve sua origem em um projeto anterior, “Cientistas Sociais de Países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, no qual, além de cientistas sociais brasileiros, também foram entrevistados 21 portugueses (num total de 55h) e 12 moçambicanos (19h). Essas entrevistas estão igualmente disponíveis no Portal CPDOC.

tórico existente sobre as Ciências Sociais no Brasil. Depois de realizadas, as entrevistas passam por um processo de preservação digital, transcrição, conferência de fidelidade e elaboração de sumário antes de serem disponibilizadas. O projeto contou, em seus anos iniciais, com apoio financeiro do CNPq e, desde 2016, do Banco Santander (até o final de 2020). Grande parte dos recursos, contudo, principalmente os indiretos, vieram da própria FGV.

Um estímulo importante para o desenvolvimento do projeto deve-se à constatação de que, embora se possa encontrar entrevistas com cientistas sociais brasileiros disponíveis na internet, elas foram, em sua maioria, realizadas para serem publicadas isoladamente, após serem transcritas e editadas, em revistas da área ou em livros sobre as Ciências Sociais no Brasil. Existe uma quantidade bem menor de entrevistas filmadas disponíveis para visualização pública. Devo ainda mencionar o caso de alguns poucos filmes documentários disponíveis; neste caso, porém, o material completo das entrevistas não está acessível, apenas aquilo que foi editado como produto final. No caso do acervo gerado pelo projeto MCSB, o objetivo desde o início foi disponibilizar integralmente o conjunto das entrevistas em formato audiovisual através da internet, ainda que também tenham sido feitas transcrições do material, igualmente disponíveis. A natureza *documental* do projeto é, portanto, fundamental e tem sido seguida desde sua concepção.

JPB: Qual é a relação entre o projeto e o CPDOC, uma instituição pioneira na área de história oral e memória no Brasil? Quais foram as novidades que o projeto trouxe nas atividades do CPDOC?

CC: A proposta do projeto guarda uma óbvia pertinência em relação à instituição na qual foi gerada. O CPDOC, criado em 1973, iniciou em 1975 seu Programa de História Oral, pioneiro no Brasil.⁵ Foram desde então entrevistadas cerca de 2.200 pessoas,

⁵ Sobre o Programa de História Oral do CPDOC, ver <https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>.

num total aproximado de 7.500 horas de gravação. Além disso, foram desenvolvidos procedimentos relativos à produção, organização, preservação e divulgação desse acervo. As entrevistas com cientistas sociais, portanto, situam-se num contexto institucional de longa duração.

O projeto, porém, representou um ponto de inflexão na produção de fontes para o acervo de entrevistas do CPDOC, pois foi o primeiro a ter no registro audiovisual um elemento central de reflexão, experimentação e produção. Com isso, o projeto tornou-se um marco do início da realização sistemática de entrevistas filmadas na instituição. A partir de então, praticamente todos os novos projetos de História Oral desenvolvidos no CPDOC têm adotado a prática de filmar as entrevistas.

Não é o caso de detalhar aqui o que representou essa novidade em termos institucionais. Gostaria apenas de indicar alguns obstáculos que tiveram que ser superados: a inércia derivada da tradição de se gravar entrevistas em formato apenas sonoro; a falta de familiaridade da equipe de então com a produção audiovisual; preocupações éticas incluindo questões relacionadas a uma suposta falta de familiaridade também da parte dos entrevistados com o uso potencial de suas entrevistas; e o efeito da interferência da câmera de vídeo no processo de entrevista em termos de perda de qualidade do material produzido, devido a uma pretensa diminuição do grau de “intimidade” ou “espontaneidade” por parte do entrevistado.

Passados mais de dez anos do início do projeto, felizmente os temores representados por essas suposições não se demonstraram reais. Levo em conta, para essa avaliação, não apenas a experiência do projeto MCSB, mas também a de outras 1.300 horas de entrevistas filmadas em vídeo desde então no CPDOC, em diversos outros projetos, e que já representam mais de 20% do acervo total da instituição.

JPB: Em que consistem as entrevistas, como foram definidas as dimensões a serem pesquisadas, e como foram e têm sido selecionados os cientistas sociais?

CC: Para responder a essas perguntas, é importante inicialmente destacar que tanto eu, que sou o coordenador do projeto, quanto outras pessoas que colaboraram na produção das entrevistas, não somos especialistas na história das Ciências Sociais no Brasil nem a temos como objeto principal de nossas produções acadêmicas. Desde o início, o objetivo era constituir um acervo documental a ser utilizado basicamente por terceiros, isto é, pelo público potencial que se interessasse quer pela história das Ciências Sociais no Brasil, quer por alguma personagem, tema, instituição ou evento mencionado nas entrevistas. Não se tratava, portanto, de realizar entrevistas que servissem de suporte a alguma produção acadêmica específica – um livro ou um documentário, por exemplo – e que não ficassem acessíveis publicamente até que esses produtos fossem finalizados.

Tendo em vista esse caráter documental, buscamos abordar nas entrevistas toda a trajetória biográfica dos entrevistados em suas dimensões pessoal, profissional e intelectual. O que perdemos em profundidade, ganhamos em abrangência. Acredito que temas específicos estariam mais bem tratados em artigos e livros específicos, produzidos por especialistas. Por outro lado, o que muitas vezes falta são informações disponíveis justamente sobre a trajetória biográfica dos cientistas sociais – a origem familiar, como se deu a opção pelas Ciências Sociais, a socialização profissional, os caminhos pelos quais chegaram aos temas que pesquisaram, quais momentos consideram mais importantes em suas carreiras, com que pares mais se relacionaram, que atuação tiveram fora do ambiente acadêmico etc.

Algumas referências teóricas são particularmente caras para mim, no que se refere a esse aspecto do projeto. Para a relação entre trajetória pessoal e tempo histórico, uma referência clássica é o texto de Everett Hughes, “Ciclos, pontos de infle-

xão e carreiras”. Sobre identidade, um artigo de Michel Pollak, “Memória e Identidade Social”, fruto, aliás, de uma palestra que deu no CPDOC. Somam-se ainda as noções de “projeto” e “campo de possibilidades” tal como foram desenvolvidas na obra de Gilberto Velho, que foi meu orientador tanto no mestrado quanto no doutorado em Antropologia Social, realizados no Museu Nacional.

Esse eixo condutor biográfico, presente em todas as entrevistas, busca registrar as relações entre trajetória de vida e tempo histórico, e entre identidade e memória. Acontecimentos, personagens e lugares ou instituições são, portanto, os elementos privilegiados nas entrevistas, embora discussões mais teóricas ou referidas a determinado campo de estudos evidentemente também venham à tona nas mesmas.

Em relação à seleção dos entrevistados, buscamos privilegiar as gerações que atuaram profissionalmente desde os anos 1960 e que foram importantes para a construção das pós-graduações nas Ciências Sociais, principalmente ao longo dos anos 1960 e 1970, no caso do eixo Rio-São Paulo e, uma ou duas décadas mais tarde, em outras regiões do país. “Geração” tem sido entendido no projeto não como um dado meramente cronológico, mas no sentido de conjuntos etários com referências históricas e biográficas compartilhadas, mesmo que muitas vezes com sentidos conflitantes.

Numa perspectiva comparativa, essas narrativas permitem compreender processos de construção de carreiras intelectuais e as relações que os cientistas sociais estabelecem entre seus problemas de pesquisa e a sociedade mais abrangente na qual se desenvolvem. Podem também ser percebidos cortes geracionais, regionais, disciplinares e temáticos. A análise desse material torna possível não apenas compreender trajetórias individuais, mas, nas palavras de Howard S. Becker, “os efeitos das estruturas de oportunidade, das subculturas e das normas sociais” dentro de um contexto historicamente situado.

É óbvio, porém, que para além desse quadro institucional geral, que indica possíveis entrevistados, a seleção de entrevistados esteve marcada por opções subjetivas ou limitações objetivas dos entrevistadores, principalmente minhas. Por exemplo, tenho, em função de outras responsabilidades profissionais e compromissos acadêmicos, tempos limitado para realizar as entrevistas. Elas são realizadas quando surge uma “janela” na minha agenda.

JPB: O desenvolvimento das ciências sociais (como de outras expressões culturais) no Brasil tem tendido a se concentrar no eixo Rio – São Paulo. Contudo, nos últimos anos, tem havido uma série de estudos que tentam reconstruir as trajetórias das ciências sociais em outros estados, mostrando como, por vezes, os analistas dessa história têm deixado experiências interessantes por fora de seus estudos. Como o projeto tem lidado com essa questão?

CC: Por questões logísticas e financeiras, sempre foi muito mais fácil realizar entrevistas no Rio de Janeiro, onde moro e onde há um pequeno estúdio de gravação no CPDOC, ou em São Paulo, para onde viajo com frequência e onde também temos apoio para filmagem. Disso resultou, nos anos iniciais do projeto, um desequilíbrio entre as regiões. Ficou evidente que era preciso um esforço de “regionalizar” mais a face do acervo, e para tanto, os recursos financeiros obtidos foram direcionados, nos últimos anos, prioritariamente para viagens a outras cidades. Mesmo assim, dos 102 entrevistados até agora, 69 desenvolveram suas carreiras acadêmicas principalmente na região Sudeste e em Brasília – ou seja, cerca de 70% do total. Embora essa concentração siga a distribuição de recursos e de poder acadêmico no Brasil, uma tônica para as próximas entrevistas do projeto deve ser cobrir na medida do possível uma diversidade regional.

Em relação à disciplina de atuação predominante de cada entrevistado – sociólogos, antropólogos e cientistas políticos –, em que pese a dificuldade em ser preciso por causa de várias trajetórias multidisciplinares, temos uma distribuição razoavelmente proporcional ao tamanho das comunidades disciplinares.

JPB: Por outro lado, nos últimos anos, no Brasil mas também em outros países do mundo, tem havido uma preocupação por mostrar o peso das mulheres no desenvolvimento das ciências sociais, aspecto muitas vezes negligenciado nos relatos mais tradicionais. Como tem lidado o projeto com a recuperação da participação feminina nesse campo e com sua particular visão?

CC: Em relação ao conjunto de entrevistados, de fato há um desequilíbrio em termos de gênero no número de entrevistas realizadas com homens (cerca de 70% do total) e mulheres (cerca de 30%), embora, acredito, isso se deva ao predomínio de homens em posições institucionais de poder no mundo acadêmico das Ciências Sociais em décadas anteriores. De qualquer forma, passamos a dar mais atenção a temas como a experiência da maternidade na vida acadêmica das mulheres, que expõem, com clareza, dificuldades que muitas cientistas sociais vivenciaram em suas trajetórias.

JPB: Quais são os usos que vocês imaginaram do acervo e quais são os usos que vocês conseguiram já mapear?

CC: Responder a essa pergunta implica também – e talvez acima de tudo – falar daquilo que ainda *não* foi realizado, ou que ficou aquém do que imaginávamos inicialmente.

Todas as entrevistas foram filmadas, mas também transcritas. A decisão de transcrevê-las tornou a pesquisa mais custosa em termos financeiros e mais demorada em relação ao tempo de produção das entrevistas. Por outro lado, a transcrição, que também fica disponível para consulta, facilita o trabalho de pesquisa através de mecanismos de busca textual. A transcrição, de certa forma, manteve uma continuidade com a tradição anterior de produção de entrevistas no CPDOC, embora também tenha servido a experimentos recentes com mineração de texto.

A centralidade da imagem sobre o texto escrito, contudo, continua sendo a marca fundamental do projeto. Acredito que a imagem audiovisual preserva melhor o contexto da entrevista

e a intenção do entrevistado ao falar de si e permite, ainda, uma compreensão mais densa da produção dessa fonte documental quando comparada a uma mera apresentação e transformação em texto escrito ou, posteriormente, editado para publicação. O texto de uma entrevista que depois se lê transcrito, eventualmente editado e publicado, não apenas foi transformado em escrita a partir do registro de uma fala, como esta fala foi produzida por um corpo que se exprime através de muitos outros sentidos.

Além disso, fica claro que a disponibilização pública do conjunto de entrevistas aumenta sua potencial utilização por um público não conhecido pelo entrevistador e de maneiras não controladas ou previstas. No mesmo caminho, porém em sentido inverso, diminui drasticamente o poder e o controle que o entrevistador tem sobre a fonte documental produzida, ao abdicar do monopólio que teria caso mantivesse o acervo fechado, sob a desculpa de que (ainda) se tratava de um acervo de sua pesquisa individual. E, caso o material fosse por ele finalmente liberado e disponibilizado após ser utilizado em uma produção bibliográfica ou audiovisual específica, facultaria a outros pesquisadores a possibilidade de reinterpretarem ou mesmo discordarem dos seus resultados.

Duas iniciativas tomadas no início do projeto não tiveram prosseguimento. Inicialmente pensamos em realizar filmagens ou entrevistas que chamamos de “complementares” à entrevista “principal” – por exemplo, indo até a casa ou ao local de trabalho do entrevistado quando a entrevista tivesse sido realizada no CPDOC. A ideia era ter material adicional que pudesse ser utilizado posteriormente na produção de filmes documentários. Essa iniciativa guarda uma ligação estreita com os objetivos do Núcleo de Audiovisual e Documentário do CPDOC, criado em 2006.⁶

⁶ Para as atividades do Núcleo de Audiovisual e Documentário do CPDOC, ver <https://cpdoc.fgv.br/nucleoAD>.

Pequenas produções documentárias foram realizadas por alunos, bolsistas ou estagiários do projeto ou do Núcleo, e estão disponíveis online, porém ficaram muito aquém em volume em comparação ao que tínhamos em mente inicialmente.⁷ Elas podem, contudo, ser novamente estimuladas por caminhos diversos, como por exemplo, através da disciplina Laboratório de Audiovisual e Documentário oferecida no curso de Ciências Sociais do CPDOC, ou de editais de produção audiovisual abertos ao público externo, mas que têm nosso acervo como elemento central, conforme temos realizado regularmente desde 2014.

Inicialmente também pensamos em agregar documentos dos entrevistados ao material disponibilizado. Isso aconteceu em alguns casos. Pedimos aos entrevistados e obtivemos, por exemplo, fotografias, vídeos ou documentos que não nasceram digitais, como os memoriais feitos para concursos de professor titular. Não havia, contudo, uma estratégia arquivística definida desde o início do projeto no sentido de como integrar esse material ao nosso acervo, e a iniciativa foi abandonada. Ela pode, porém, ser facilmente retomada, e ter mesmo um efeito retroativo, caso essa estratégia venha a ser definida. Vale ressaltar, a esse respeito, o fato de que o CPDOC recentemente incorporou à sua linha de acervo a possibilidade de receber arquivos pessoais de cientistas sociais, dos quais já temos dois: os de Yvonne Maggie e de Gilberto Velho, ambos entrevistados no âmbito do projeto MCSB.

Todavia, a principal aposta, condizente com o plano inicial do projeto, é que ele possa ser livremente utilizado pelo público

⁷ Até agora foram produzidos: Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais (https://youtu.be/AmKUZnMp_5w), Constituição da Antropologia Urbana no Brasil (<https://youtu.be/9zlwCZlyuvA>), Gilberto Velho: uma homenagem (<https://youtu.be/4Z6uQPJqQg4>), Maternidade e carreira acadêmica (https://youtu.be/4iooYq8_apU), Memorial: Elisa Reis (<https://youtu.be/wLDqziunFxE>), Memorial: Lucia Lippi (<https://youtu.be/lgB1h1peDf8>) e Obras marcantes (<https://www.youtube.com/watch?v=2jCX3ACDP6w>). Ver também dois “teasers” do projeto: <https://www.youtube.com/watch?v=pJ-Xeg5kGqc> e https://www.youtube.com/watch?v=_uvg5yFGwjs.

em geral interessado no tema. Professores, alunos, pesquisadores e produtores têm um rico acervo à sua disposição. Já tivemos notícia de múltiplas apropriações desse acervo por usuários, inclusive a de sua utilização como material didático – uma possibilidade que nos agrada e interessa muito. Falta-nos ainda, contudo, um inventário mais detalhado daquilo que os usuários do acervo têm feito.

Para além dessas limitações, estou certo de que vale a pena criar e usar esse acervo também para tentar romper com o “isolamento social da ciência”. Em tempos difíceis para as Ciências Sociais, como os que vivemos, essa é uma aposta mais que acadêmica. É também uma aposta política, de valorização, perante outros setores da sociedade que não o nosso próprio, do ofício do cientista social e daquilo que ele produz.